

ZAMI

**AUDRE
LORDE**

**ASSIM REESCREVO
O MEU NOME
UMA BIOMITOGRAFIA**

**ORFEU
NEGRO**

TRADUÇÃO ALDA RODRIGUES

TÍTULO ORIGINAL

Zami: A New Spelling of My Name

AUTORA

Audre Lorde

TRADUÇÃO

Alda Rodrigues

REVISÃO

Guilherme Pires | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 1982, 2006 Audre Lorde

© 2024 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Junho 2024

DL 532441/24

ISBN 978-989-9071-93-3

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

*A Helen, que inventou as melhores aventuras
A Blanche, com quem vivi muitas delas
Às mãos de Afrekete*

*No reconhecimento do amor reside uma
resposta ao desespero*

A quem devo a energia por trás da minha voz? Em que força me transformei, fermentando e emergindo como inesperado sangue por baixo da bolha de pele pisada?

O meu pai deixa a sua marca psíquica em mim, silenciosa, intensa e sem perdão. Mas é um relâmpago distante. As imagens das mulheres, ardendo como tochas, adornam e definem as fronteiras do meu percurso, erguendo-se como diques* entre mim e o caos. São as imagens destas mulheres, bondosas e cruéis, que me conduzem a casa.

A quem devo os símbolos da minha sobrevivência?

Dias entre o Halloween e a passagem do ano, em que as minhas irmãs e eu cirandávamos pela casa, a jogar à macaca nos buracos do linóleo rosado que cobria o chão da sala. Aos sábados, discutíamos porque todas queríamos fazer recados fora de casa, discutíamos para ver quem ficaria com as caixas vazias de *Quaker Oats*, discutíamos sobre quem seria a última a ir à casa de banho quando a noite caía, e sobre quem seria a primeira a apanhar varicela.

O cheiro das ruas de Harlem apinhadas de gente durante o Verão, após um breve aguaceiro ou a passagem dos camiões que

* No original, usa-se o termo *dyke*, que significa não só «dique», mas também «lésbica». (N.T.)

pulverizavam água para libertar os passeios do odor fétido, reflectindo-o para o sol. Dava um salto à Short-Neck Storeman, na esquina, para comprar leite e pão, parando para procurar umas folhinhas de erva para trazer para a minha mãe, em casa. Parava para procurar moedinhas escondidas, que piscassem os olhos como gatinhos, por baixo das grelhas de ventilação do metro. Curvava-me repetidas vezes, para apertar os atacadores, demorava, tentando perceber qualquer coisa. Como chegar ao dinheiro, como espreitar o segredo que algumas mulheres transportavam, qual ameaça hipertrofiada, sob as pregas das blusas com estampado floral.

A quem devo a mulher que vim a ser?

DeLois vivia mais acima, na 142nd Street, nunca arranjava o cabelo, e todas as mulheres da zona sugavam os dentes em sinal de reprovação quando ela passava. O seu cabelo crespo brilhava ao sol de Verão, a sua barrigona orgulhosa puxava-a pelo quarteirão fora, e eu observava, sem me importar que ela fosse ou não um poema. Apesar de ter tentado espreitar por baixo da sua blusa, apertando os atacadores quando ela passava, nunca falava com DeLois, porque a minha mãe não o fazia. Mas simpatizava com ela, porque se movia como se sentisse que era especial, alguém que eu um dia gostaria de conhecer. Caminhava como eu pensava que a mãe de deus caminharia, e também como a minha mãe, em tempos idos, e como eu, um dia, talvez.

O calor do meio-dia projectava um anel de sol, como um halo, por cima da barriga de DeLois, iluminando-a como um holofote, e fazendo-me lamentar o facto de, por ser tão lisa, só

sentir o sol na cabeça e nos ombros. Para o sol brilhar assim sobre a minha barriga, teria de me deitar de costas.

Gostava de DeLois porque era grande, Negra* e especial, e por parecer rir com o corpo todo. Tinha medo de DeLois precisamente pelas mesmas razões. Um dia, vi-a descer do passeio da 142nd Street contra a luz, devagar e deliberadamente. Um mestiço que passava por ali, num *Cadillac* branco, assomou à janela e gritou: «Despacha-te, ó cabra desajeitada e esquisitóide! Parece que levas uma fralda na cabeça!» O carro quase a atropelou. DeLois continuou a fazer o que tinha a fazer, ao seu próprio ritmo, sem sequer olhar em redor.

A Louise Briscoe, que morreu quando era inquilina da minha mãe, num quarto mobilado com acesso à cozinha – mas sem direito a roupa de cama. Levei-lhe um copo de leite morno, que não quis beber; riu-se de mim quando me ofereci para lhe mudar os lençóis e chamar um médico. «Só se for mesmo giro», respondeu Miz Briscoe. «Ninguém me mandou vir para aqui, vim sozinha. E vou regressar do mesmo modo. Portanto, só preciso de um médico se for mesmo muito giro.» E o quarto cheirava a mentira.

«Miz Briscoe», contrapus, «estou mesmo preocupada consigo.»

Olhou para mim de soslaio, como se lhe tivesse feito uma proposta que teria de rejeitar, mas que, mesmo assim, agradecia.

* Respeitamos as maiúsculas do original nas palavras «negro» e «portorriquenho». (N.T.)

Por baixo do lençol cinzento, o seu enorme corpo inchado estava tranquilo quando ela sorriu com ar sabedor.

«Ora, não faz mal, querida. Não levei a mal. Bem sei que não consegués evitar, é a tua natureza, só isso.»

À mulher branca que, num sonho, vi atrás de mim num aeroporto, a assistir sem dizer nada, enquanto o filho colidia comigo de propósito, uma e outra vez. Quando me virei para trás, para dizer que, se não controlasse o filho, lhe daria um murro na boca, percebi que já levava um murro assim. Tanto ela como o filho levavam pancada – tinham a cara pisada e olhos negros. Virei costas e afastei-me, com tristeza e fúria.

À rapariga pálida que correu para o meu carro à meia-noite, em Staten Island, só de camisa de noite e descalça, a gritar e a chorar: «Minha senhora, por favor ajude-me oh por favor leve-me ao hospital, minha senhora...» Na sua voz, havia uma mistura de pêssegos demasiado maduros e sinetas de porta, era da idade da minha filha, corria pelas curvas arborizadas da Van Duzer Street.

Parei o carro imediatamente e inclinei-me para abrir a porta. Estávamos em pleno Verão. «Sim, sim, vou tentar ajudá-la», disse eu. «Entre.»

Mas, quando a iluminação da rua lhe revelou a minha cara, a dela dissolveu-se em terror.

«Oh, não!», gemeu. «Você, não!» Deu meia-volta e recomeçou a correr.

O que teria ela visto na minha cara Negra que justificasse continuar a viver aquela situação de terror? Desperdiçando-me

no abismo entre quem eu era e a imagem que ela tinha de mim.
Abandonada sem amparo.

Segui em frente.

No espelho retrovisor, vi a substância do seu pesadelo apanhá-la na esquina – casaco e botas de couro, homem, branco.

Continuei, sabendo que aquela mulher provavelmente morreria estúpida.

À primeira mulher que cortejei e abandonei. Ensinou-me que as mulheres que desejam sem precisar custam caro, às vezes arruínam-nos, mas as que precisam sem desejar são perigosas – devoram-nos, fingindo não notar.

Ao batalhão de braços para o qual tantas vezes me retirei em busca de protecção, encontrando-a ocasionalmente. Às outras que ajudaram, empurrando-me para o sol implacável – de onde saí enegrecida e inteira.

Aos fragmentos de trabalhadora em mim.

Devir.

A Afrekete.